

## 4. Cavalo dos Santos

Um esboço de uma sociologia do transe místico. Estuda a crise mística, procurando mostrar as características das religiões afro-brasileiras. Distingue dois casos de transe místico, antes e depois da iniciação. "O transe é o momento supremo da festa religiosa, à qual tudo conduz desde o sacrifício a Exu e os cânticos do início; é a flor em que desabrocha, em corolas resplendentes de beleza, a fé dos negros do Brasil". (p. 299). Assinala os diferentes momentos do cerimonial, com o intuito de demonstrar que o transe místico afro-brasileiro não é uma crise patológica, um acidente puro e simples, um fenômeno psico-orgânico que escapa ao controle social.

## 5. A Cadeira de Ogã e o Poste Central — analisa aqui algumas curiosidades.

## 6. O Ritual Angola do Axexê

Primeiramente traça o esquema da cerimônia axexê sem nenhuma tentativa de interpretação, uma vez que há falta de descrições completas que possibilitem um trabalho comparativo. A seguir, faz um ensaio de interpretação onde procura confrontar os vários elementos comuns a todos os tipos de axexês (Jejê, Iguexá e angola).

## 7. Algumas considerações em torno de uma Lavagem de Contas

O autor estuda aqui o seguinte:

- As diversas finalidades desta cerimônia;
- seu processo, que consiste em estabelecer uma participação mística entre o deus e o indivíduo por intermédio da pedra do fetiche, do banho de sangue, do banho de ervas e do sabão da costa que lavam a pedra, o colar e a testa do indivíduo. A este respeito Roger Bastide mostra que a participação mística não se confunde com o simples "contato" mágico (Levy Bruhl ou Frazier), mas que ela não se faz em qualquer direção, ela deve ser orientada, ela segue certas linhas;
- suas conseqüências: o aumento do poder do indivíduo e, conseqüentemente, de suas "obrigações". Há uma escala de Ser, onde os graus superiores caracterizam-se por um acréscimo de interdições ou tabus, o que talvez explique porque o candomblé esteja atualmente ameaçado de perigo de morte.

Ao correr de toda a obra o Autor sugere inúmeras pesquisas que, no seu entender, devem ser feitas por estudiosos brasileiros e não por estrangeiros. A Primeira Parte da obra oferece valioso material não só aos especialistas em ciências sociais, mas ainda aos estudiosos dos problemas da linguagem. Inútil dizer, uma vez que todos sabem como Roger Bastide maneja bem a língua em que escreve. Escolhi, para terminar esta resenha, uma das frases que mais me fizeram pensar:

"No seu significado mais metafísico, as religiões afro-brasileiras oferecem aos negros do Brasil um vestiário completo de personalidades, as mais ricas e as mais variadas, nas quais pode o negro encontrar uma compensação para os personagens menos agradáveis que a sociedade estratificada, organizada e dirigida pelos brancos lhe impõe para desempenho." (p. 46) — TEREZINHA MARIA BRAVO.

CHANDLER, Billy Jaynes — *The Feitosa and the Sertão dos Inhamuns. The History of a Family and a Community in Northeast Brazil 1700-1930*. University of Florida Press, Gainesville, 1972, 178 pp., 2 mapas.

O título deste livro faz-nos pensar que se trata mais de uma pesquisa de sociologia ou antropologia, do que propriamente de história, e o comportamento de seu au-

tor, permanecendo vários meses no Sertão do Ceará, confirma ainda mais esta suposição inicial. Contudo, embora possamos catalogar este trabalho como pertencente ao domínio da etno-história, verdade seja dita, as técnicas de pesquisa, assim como o instrumental teórico e bibliográfico utilizados identificam esta obra muito mais com a história do que com qualquer outra ciência social.

Como explica o sub-título, pretendeu o Autor estudar a história de uma comunidade (o sertão de Inhamuns), e de uma família (os Feitosas). O título, a nosso ver, dá lugar a ambigüidades, pois o conceito de comunidade, tal qual o definem sociólogos e antropólogos, refere-se (no contexto brasileiro) quer a um povoado, uma vila, a sede de um município, quer mesmo a um balro rural. Agora, chamar de comunidade à região de Inhamuns região que engloba atualmente os municípios de Tauá, Arnelros e Saboeiro, é obscurecer e descaracterizar um conceito cujos limites sociológicos foram sobejamente definidos por farta bibliografia tanto nacional quanto estrangeira. Outra ambigüidade revela-se no tangente aos limites históricos estudados pelo Autor: 1700-1930. Muito embora no 2º Capítulo (The First Century: The Formative Years) encontremos várias referências ao Século XVIII (informações obtidas sobretudo em fontes de segunda mão, tais como a *Revista do Instituto do Ceará*), o restante da obra baseia-se quase que exclusivamente em dados referentes aos séculos XIX e XX, notadamente a partir da época imperial. Isto se explica, certamente, pelo fato de serem bastante raras as fontes primárias relativas a esta região sertaneja, zona seca e de certo modo pouco importante no conjunto da economia colonial e por conseguinte, região que deve ter produzido e conservado poucos documentos escritos referentes ao seu passado.

A nosso ver, muito embora a análise das famílias e dos partidos (p. 46-78), do crime e justiça (p. 79-102), do Governo e dos políticos durante a República Velha (pp. 103-124) tenha sido interessante a minuciosa (tanto quanto o permitiu a pobreza das fontes), o certo é que o leitor somente após ter lido 3/4 do livro é que vai encontrar resposta a certas dúvidas que afloram desde as primeiras páginas. É somente no 6º Capítulo que Chandler descreve sistematicamente como funcionava a sociedade e a economia nos Inhamuns: o problema da distribuição das terras, a organização das fazendas e de seus habitantes, a estrutura econômica regional. Os capítulos subsequentes são dedicados à análise do significado da escravidão e dos problemas advindos com as secas periódicas nesta área sertaneja. O último capítulo (somente duas páginas) traz o título "Autoridade externa e o poder privado numa comunidade brasileira": aí o A. diz que desde 1750 até 1920 a história dos Inhamuns poderia ser escrita quase sem menção da grande maioria de seus habitantes, pois estes não estavam integrados ao nível onde as decisões que afetavam a comunidade eram tomadas, e com o passar do tempo esta situação não se alterou. "The Inhamuns was a traditional society in a very real sense, for the basic structure of human relationships which was created in the eighteenth century was brought into the twentieth century virtually intact." (p. 169).

Muito embora reputemos como válida e importante a contribuição de Chandler ao ter estudado apenas uma família pertencente à elite dominante, o leitor há de convir que tal monografia, na medida em que pretendeu abranger também a "história de uma comunidade", neste aspecto deixa muito a desejar: os dados fornecidos sobre a vida da "grande maioria dos habitantes" deste sertão são tênues, parcos e pouco elucidativos. Por que não ter aprofundado mais o estudo dos "agregados" e "moradores", figuras tão importantes no Brasil-tradicional e que embora referidos com frequência ainda não mereceram pesquisas mais substantivas?

Após atenta leitura desta obra, vai lá uma sugestão para quem por ela venha a se interessar: leia-se o 6º Capítulo ("Fazendeiros e Moradores: The Society and Economy") logo após o 2º Capítulo, pois assim fazendo o leitor há de entender mais claramente as razões infra-estruturais das lutas entre famílias, dos crimes, dos partidos etc.

*The Feltosas and the Sertão dos Inhamuns* é, sem dúvida, uma obra pioneira no Brasil. Apesar de ter lidado com fontes documentais relativamente escassas e dispersas, o livro é uma contribuição séria para nossa história social. Embora não cheguemos a apontá-lo como exemplo paradigmático, ele fornece pistas e revela uma série de dificuldades que o pesquisador enfrenta quando aborda micro-universos, tais como uma família pertencente à uma região economicamente periférica no contexto histórico nacional. Ideal seria se tal obra servisse de estímulo para que outros pesquisadores, de preferência munidos de sólida base conceitual sócio-antropológica, se dedicassem ao estudo monográfico quer de outras comunidades de diferentes configurações ecológicas e econômicas, quer de outras famílias cuja presença ficou registrada em nossa história.

— LUIZ MOTT.

LESSA, Orígenes — *Getúlio Vargas na Literatura de Cordel*. Rio de Janeiro, Ed. Documentário, 1973, 150 p. il.)

A abordagem de nossa literatura de cordel através de ciclos temáticos vem-se impondo quer nas tentativas de classificação, quer no estudo propriamente dito dos poemas. O recente ensaio de Manuel Diégues Júnior "Ciclos temáticos na literatura de cordel" (1) objetivou uma síntese das duas classificações mais importantes: a de M. Cavalcanti Proença (2) e a de Ariano Suassuna (3). "A nossa preocupação — escreveu ele — é a de apresentar a temática da literatura de cordel; e também assentar aqueles temas que são constantes ou permanentes nesta literatura, e isto sob duplo aspecto: de um lado, quais são estes temas, como são expostos, por que existem; e de outro lado, como o cantador ou trovador populares consideram estes temas, como os interpretam, o que seria, por assim dizer, a sua cosmovisão. Ou seja: como, no quadro de sua cultura, compreendem o fato tradicional ou o acontecido em face da sociedade em que vive. O que representa, de certo modo, o próprio sentimento desta sociedade" (p. 28). O resultado foi um arrolamento e exposição de temas em permanente circulação através das constantes reedições dos folhetos, recriação ou surgimento de fatos de grande repercussão social.

Entre os ciclos de maior expansão, destaca-se o de Getúlio Vargas, superado na área das figuras humanas apenas pelo do Padre Cícero, que inspirou maior produção poética. Antônio Silvino e Lampeão, embora de permanência mais acentuada, ficaram-lhe muito aquém na quantidade de folhetos publicados. É o que nos demonstra Orígenes Lessa em *Getúlio Vargas na literatura de cordel*, fundamentado numa documentação que abrange uma centena de folhetos. Ainda assim, Orígenes Lessa não considera exaustiva a sua pesquisa. "Esta tentativa de levantamento — diz ele — é baseada numa centena de folhetos e volantes, bastante incompleta, é claro, mas já suficiente para atender em parte ao apelo que fez o Prof. Raymond Cantel, da Sorbonne" (p. 59).

Efetivamente, Raymond Cantel — um grande admirador e estudioso de nossa literatura de cordel, que desde há muito se vem dedicando à sua divulgação, valorização e estudo na França — sugere o exame das reações populares (na área da poesia popular) às diversas fases da política de Getúlio Vargas. Além da sugestão do tema, Cantel fala em "vague de poèmes", registrando mesmo uma "troisième vague du cycle de la mort de Getúlio Vargas". (4). O livro de Orígenes Lessa não vai à minúcia

(1) In *Literatura popular em verso*. Estudos, v. 1. Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, 1973, pp. 1-151.

(2) In *Literatura popular em verso*. Católico, v. 1. Idem, 1961, p. 394.

(3) «Nota sobre a poesia popular nordestina», in *DECA*, Recife, n. 5, pp. 15-28, 1962.

(4) «L'exploitation d'un thème d'actualité dans la littérature populaire du Nordeste: la mort du président Getúlio Vargas». Separata.